



É demais esta cidade

MEMÓRIA Primeira capital do país, Salvador completa 471 anos hoje. Os historiadores Wlamyra de Albuquerque, Daniel Rebouças e João José Reis apontam locais que revelam aspectos desta trajetória

ALESSANDRA OLIVEIRA

Se foi pelo mar que os portugueses chegaram, era também por ele que se dava a comunicação entre Salvador e o mundo. "A zona portuária, em um trecho que vai de Água de Meninos até o Museu de Arte Moderna (MAM), é o pedaço da cidade que nos define. Esta cidade tão desigual, bonita, contraditória, esparramada diante do mar", afirma a historiadora Wlamyra Albuquerque, vencedora (2010) e finalista (2014) do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (CBL) por obras da cultura afro-brasileira em co-autoria com Walter Fraga Filho.

No século 18, a retirada de escravizados dos navios negreiros era feita por pequenas embarcações que se ancoravam nos pequenos atracadouros dispostos nessa extensão da Baía de Todos-os-Santos.

Com a proibição legal do tráfico, em 1850, ali continuavam a desembarcar mercadorias vindas do Recôncavo e embarcar os produtos da província, além de ser local de trabalho para comerciantes, estivadores e carregadores de fardos pesados, que iam da Cidade Baixa para a Cidade Alta e vice-versa.

CONTINUA NA PÁGINA 2



Do MAM a Água de Meninos: zona portuária

ALESSANDRA OLIVEIRA

Os ofícios desempenhados na zona portuária possibilitavam aos negros o trânsito entre o cativeiro e liberdade. “Era com o dinheiro da venda que as mulheres compravam suas alforrias e as dos filhos”, diz Wlamyra de Albuquerque.

Após a Lei Áurea, em 1888, “o estigma do trabalho da rua foi ganhando o corpo negro a partir do que se via nessa região”. Desde então, de acordo com a historiadora, a dinâmica local se dá pela cultura desses trabalhadores.

“Não é por acaso que no começo do século 20 o mais forte dos sindicatos era o dos estivadores. Não é por acaso que nossos blocos afros têm na diretoria homens envolvidos no serviço de estiva ou no comércio da zona portuária”.

De onde hoje é possível ver a coabitação de comunidades e prédios de luxo, na avenida Contorno, nos séculos passados era local de convivência de segmentos sociais diferentes. Dessa coexistência nasceram, por exemplo, as comemorações do “catolicismo afro-brasileiro”, aponta. Após as missas, festas eram promovidas pelos estivadores em celebração.

Dos encontros historicamente presenciados na região também estão os de estrangeiros como a Bahia. Era da zona portuária e seus arredores, como o Pelourinho, que “os viajantes do século 18 e da primeira metade do século 19 começavam a narrar sua chegada”.

Já no século 21, enquanto esperava em um engarrafamento na frente do atual Porto de Salvador, Wlamyra presenciou o desembarque de passageiros de um transatlântico. “No meio daquele tremelique do pessoal que trabalha com turismo, eu vi a cara dos turistas olhando no chão da Bahia e fiquei pensando que ainda é a partir dali que eles conhecem nosso estado”.

Primeira rua do Brasil

Bem pertinho de um trecho da zona portuária, subindo o Elevador Lacerda, está a Rua Chile, primeira rua a ser fundada no Brasil. Dali ao Politeama, passando pela rua Carlos Gomes, estava o circuito de entretenimento de Salvador nos séculos passados, de acordo com o historiador Daniel Rebouças, que soma cinco livros publicados sobre aspectos diversos da história baiana, como a descoberta do petróleo e o desenvolvimento da indústria.

Na região, havia apresentações de teatro, circo, mágica e cinema. A venda de jogos de azar em quiosques também movimentava as ruas do centro. “A elite batia bastante nisso. Diziam que era um ‘antro de ociosidade’”, pontua Rebouças.

A ampliação das possibilidades de divertimento aconteceu no final do século 19 e começo do século 20. “Os principais centros urbanos estavam, como se dizia na época, se modernizando. Eram opções para públicos de outros segmentos sociais que não só as elites, o que se chama de consumo de massa”.

Segundo dados reunidos pelo historiador para sua tese de doutorado em andamento, as apresentações juntavam grande público. O circo sempre tinha lotação máxima, com média de 1,5 mil a três mil pessoas.

A entrada simples no circo custava, em média, 500 réis, equivalente ao preço de 0,5 kg de farinha. No mesmo local, o camarote podia sair por dois mil réis, mesma média de valor pago por uma cadeira no teatro ou cinema.

O preço dos ingressos era acessível às camadas populares. “Os negros frequentavam esses locais. O grande desafio de pesquisa é achá-los nos palcos. O que se sabe é que apareciam enquanto objeto de encenação, para dar risada deles. Suspeita-se que alguns palhaços eram negros”.

Para além da região central, outras formas de diversão estavam espalhadas pela cidade, como reme, corrida de cavalo, bicicleta, patinação e futebol. De todas, as que mais ficaram raízes na nossa cultura foram o futebol e o cinema.

Em meados do século 20, o cen-

Para o historiador João José Reis, a Revolta dos Malês foi “a mais importante insurreição escrava urbana a acontecer nas Américas”



CAPA

Fonte de histórias

Adilton Venegoles / Ag. A TARDE



Outro ângulo da Rua Chile, hoje: revitalização e quarentena

Adilton Venegoles



Primeira batalha do levante de 1835 ocorreu na Ladeira da Praça

tro de Salvador era repleto de pequenos cinemas. As primeiras exibições começaram de maneira itinerante, em 1897. Só em 1910, nasce o Cinema Bahia, na Rua Chile, considerado o primeiro empreendimento do ramo mais estruturado e luxuoso, com programação fixa e filmes protagonizados por estrelas internacionais.

A maior movimentação de pessoas, no entanto, era vista no Kursaal Baiano, que depois passou a ser Cine Guarani, e hoje abriga o Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha. “A quinta-feira era o ‘sexto’ da época”, brinca Rebouças, ao falar do dia da semana em que as sessões eram mais concorridas.

“A construção desses locais de luxo trazia uma tentativa de tornar o centro um lugar que eles chamavam de civilizado. Traduzindo, elitizado. Mas, na história de Salvador, esse esforço é frustrado. Claro, tinha a questão de acesso físico, pagar ingresso, mas a convivência social continuava existindo”.

Insurreição

A resistência da população negra também se dava pelo enfrentamento violento e político. A Ladeira da Praça, no Comércio, entrou para os anais da cidade por ser o local onde teve início a Revolta dos Malês, na madrugada do dia 24 para o dia 25 de janeiro de 1835, segundo o historiador João José Reis, referência mundial em estudos sobre escravidão e vencedor do prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2017, pelo conjunto da obra.

Autor do livro *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês*, lançado em 1986, ele considera a revolta como “a mais importante insurreição escrava urbana a acontecer nas Américas”. O movimento organizado por negros muçulmanos estava planejado para a manhã do dia 25, mas os rebeldes foram pegos de surpresa durante uma reunião na Ladeira da Praça, na madrugada do dia 24. Assim, a primeira batalha com a patrulha policial foi travada ali mesmo.

As ladeiras do centro, além de serem importantes na circulação de pessoas e mercadorias por conta da topografia de Salvador, também abrigavam casarões sublocados por negros libertos e de ganho. Conhecidos como ganhadores ou ganhadeiras, faziam dinheiro trabalhando na rua sob o acordo de entregar a maior parte dele aos senhores.

Dentre as atividades desempenhadas pelos negros de ganho – remadores, domésticos, pedreiros, sapateiros, alfaiates, ferreiros – estavam as de vendedores ambulantes e carregadores, muitas vezes, exercidas na zona portuária.

Essa forma de contrato com os senhores, comum em áreas urbanas, dava maior independência aos escravizados e facilitava sua organização em grupos de moradia, trabalho e movimentos políticos, como a Revolta dos Malês.

Com o objetivo de tomar o poder, “calcula-se que 600 escravos e libertos participaram desse levante. Números que representariam em torno de 30 mil pessoas se considerada a população de Salvador hoje”, compara João José.

Depois de poucos dias de batalhas, com repercussão internacional, os negros africanos foram vencidos e sentenciados. Dentre as penas estavam chicotadas, deportação e morte.

“O medo tomou conta de todos os habitantes da cidade, pretos, brancos, pardos. Muitos libertos decidiram retornar à África para escapar do clima de perseguição contra eles. A revolta impactou vários pontos de ambos os lados do mundo atlântico”.

Em 14 de maio de 1835, quase quatro meses depois, Gonçalo, Pedro, Joaquim e Jorge foram fuzilados no Campo da Pólvora, outro local apontado pelo historiador.

“Hoje, a Ladeira da Praça e o Campo da Pólvora são pontos importantes de circulação de pessoas e veículos e onde se erguem instituições essenciais ao funcionamento da Justiça e da prevenção e combate a desastres”. Ambos seguem o curso histórico de diversos outros locais que, séculos depois de reconfiguração, permanecem centrais no cotidiano de Salvador.